

LAÇO SOCIAL NA PSICOSE: IMPASSES E POSSIBILIDADES

Fabio Malcher e Ana Beatriz Freire

Fabio Malcher
Doutorando em
Teoria Psicanalítica
pelo Instituto de
Psicologia da UFRJ.
Psicanalista na
Associação Cultural
Centro de Estudos
e Tratamento
em Saúde
Mental (Clitop).
Participante do
projeto de pesquisa
“Circulando e
traçando laços
e parcerias:
atendimento para
jovens autistas
e psicóticos /do
circuito pulsional
ao laço social” na
UFRJ.

Ana Beatriz Freire
Psicanalista,
professora associada
IV do Programa de
Pós-graduação em
Teoria Psicanalítica
do Instituto de
Psicologia da UFRJ,
correspondente da
Escola Brasileira de
Psicanálise-seção
Rio, pesquisadora
do CNPq.

RESUMO: Pretende-se explorar os impasses e as possibilidades do laço social na psicose. Destaca-se a dimensão de sacrifício pulsional em Freud, de gozo, em Lacan, como condição ao laço social, cuja origem remonta ao mito freudiano da superação da horda primeva através do crime primordial. O significante Nome-do-Pai inscreve tal evento no psiquismo, e está forcluído na psicose, gerando *impasses* no laço social. Porém, a aposta é que não haja *impossibilidade*, como revelam as vinhetas de um caso clínico em que um sujeito psicótico recorre a uma invenção para a exteriorização de gozo, promovendo alguma abertura ao laço social.

Palavras-chave: Psicanálise, laço social, psicose, gozo.

ABSTRACT: Social bonding in psychosis: difficulties and possibilities. The present article seeks to explore the grave difficulties and possibilities of social bonding in psychosis. What stands out is the sacrifice dimension — concerning, in Freud, the drive and, in Lacan, the *jouissance* — as a condition for the establishment of a social bond which origins is traced back to the overcoming of the primal horde through the primordial crime. The Name-of-the-Father signifier inscribes such an event in the psyche and is foreclosed in psychosis, which creates a grave difficulty in creating a social bond. However, the bet is that there is no impossibility, as it is shown in the excerpts of a clinical case in which the subject makes use of an invention that allows him to exteriorize the *jouissance*, hence promoting a certain possibility of establishing a social bond.

Keywords: Psychoanalysis, social bond, psychosis, *jouissance*.

Objetiva-se abordar os impasses do laço social na psicose, explorando suas origens estruturais, bem como as possibilidades que o sujeito psicótico tem para o estabelecimento de laço social, algo que pressupõe alguma circunscrição de gozo. Porque o sujeito psicótico não pode contar, conforme veremos, com o significante Nome-do-Pai e a extração do objeto *a* enquanto recursos na regulação de gozo, ele se depara com dificuldades no tocante ao laço social. No entanto, a aposta aqui aventada é a de que isso não resulta, necessariamente, em uma impossibilidade, mas sim em impasses, visto que o sujeito pode lançar mão de outros significantes e objetos nas tentativas de localizar o gozo. Como forma de sustentar tal aposta, é inevitável que o início do percurso seja a conceituação freudiana acerca da origem da civilização elaborada em *Totem e tabu* (1913[1912-3]/1974), bem como as elaborações feitas em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/1976), buscando destacar aspectos importantes no tema do laço social na psicose.

Na horda primeva, proposta enquanto primeira configuração coletiva da vida humana, somente um macho, o pai primevo, tinha acesso sexual a todas as fêmeas, livrando-se dos outros machos quando estes crescessem e pudessem, de alguma maneira, ameaçar seu lugar (FREUD, 1913/1974, p.169). Seguiremos o destino da horda primeva com o olhar voltado para a figura única do pai primevo. No segundo ensaio de *Totem e tabu*, “Tabu e ambivalência emocional”, Freud examina o tratamento dado pelos povos primitivos aos governantes, inimigos e mortos, relações que tendiam a ser mais permeadas de tabus. Entendemos que estas três insígnias são faces nas quais a figura mítica do pai primevo pode se encarnar. Ademais, julgamos ser possível observar um desdobramento lógico entre tais insígnias, em que uma conduz à outra.

O lugar de governante pode ser entendido como um lugar de líder, lugar que tem como fundamental característica a posição de exceção em relação às leis e às renúncias que caberiam a todos os demais componentes do grupo: “[...] a exigência de igualdade num grupo aplica-se apenas aos membros e não ao líder” (FREUD, 1921/1976, p.154). Não é difícil localizar tal insígnia no pai primevo, que não se submetia a nenhuma lei, exercendo caprichosamente sua própria lei, mantendo o monopólio da violência e sexual e em sua horda, experimentando seus impulsos de forma desinibida.

Um funcionamento como este sem dúvida conduz a uma impossibilidade, visto que gera uma maioria insatisfeita em prol da satisfação plena de somente um, a exceção. O próprio lugar de exceção produz, como consequência, o lugar de inimigo, segunda insígnia que atribuímos ao pai primevo. Na medida em que a inibição dos impulsos é essencial para o estabelecimento de laço (FREUD, 1907/1976, p.130), temos que o pai primevo não faz laço com os demais membros da horda. Por outro lado, sua posição gera uma situação inusitada. Interditar aos demais o acesso aos impulsos sexuais e agressivos provoca uma inibição de

tais impulsos. A inibição dos impulsos dos demais machos da horda promove a condição para que se estabeleça algum tipo de laço entre eles, assim, *o pai que não faz laço favorece o laço*. É importante ressaltar que esse primeiro esboço de laço entre os insatisfeitos com os caprichos do pai primevo não se caracteriza enquanto laço social. Ainda estamos no nível de uma inibição forçada pelo temor da punição direta do pai primevo e não por uma renúncia pulsional sustentada internamente.

De qualquer forma, ao inibir os impulsos dos demais e agregar ao lugar de exceção a condição de inimigo, o pai primevo constrói as condições lógicas para que surja a terceira e última insígnia, morto. O esboço de laço entre os insatisfeitos se dá em torno de um objetivo: eliminar o inimigo, o pai primevo. Surge um grupo que se opõe ao líder que insiste em ocupar o lugar de exceção, esboçando-se a possibilidade de laço social, já que “[...] A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o *passo decisivo da civilização*” (FREUD, 1930/1974, p.115, grifo nosso). O *passo decisivo* em direção à civilização, contudo, não depende somente de uma reunião da maioria, pois essa união com o intuito de vencer o líder se configura apenas como uma primeira etapa, que, no entanto, tem o importante valor de gerar um novo impasse.

Vencida a batalha, o que fazer? Quem será o novo líder? A mera substituição do vencido pelo vencedor se apresenta problemática, já que agora não há um único vencedor, mas vencedores, e o lugar de exceção cabe, necessariamente, somente a um; o próprio lugar de um líder/exceção como o da horda primeva fica em xeque. A questão central é que, se os vencedores lutarem entre si para ocupar o posto de novo líder, mantendo a mesma política do eliminado, o paradigma em nada se altera; o pai primevo estaria redivivo, em carne e osso.

Antes de adentrarmos naquilo que pode proporcionar uma verdadeira mudança de paradigma, com a instauração do laço social, cabe indicar um ponto importante. Após a eliminação do líder tirânico, os vencedores canibalizam seu corpo em uma tentativa de incorporação de seus poderes, de suas insígnias, constituindo uma primeira tentativa de identificação, *identificação primária*, matriz do laço emocional (FREUD, 1921/1976, p.133). Ou seja, ao acesso à satisfação pulsional supostamente plena, parece imprescindível uma primeira identificação àquele que ocupava o lugar de exceção. O caráter de suposição deste gozo atribuído às vivências do pai primevo é importante e será abordado mais adiante. Antes, vejamos o desfecho da horda primeva.

Estamos no ponto em que um grupo de filhos insatisfeitos uniu-se para eliminar o líder que havia se tornado um inimigo. Após sua eliminação segue-se a canibalização de seu corpo, eles se debruçam sobre sua carne e a despedaçam, incorporando seus poderes por meio da ingestão de sua carne. Em pouco tempo, aquela poderosa figura com a qual eles se identificavam torna-se uma carcaça

despedaçada. Ao fim da refeição, mãos e bocas banhadas de sangue, surge o impasse, com a iminência de um novo combate pela liderança, motivado pelo desejo de acesso pleno às mulheres da horda. Tudo o que aconteceu até aqui teve como objetivo final o avanço em direção às mulheres, suas mães e irmãs, a obtenção de satisfação sexual direta com elas. O pai primevo era líder porque tinha acesso a elas, tornou-se inimigo por interditar tal acesso aos filhos, e foi morto para que o avanço em direção a elas fosse possível. Com sua eliminação e canibalização, o caminho está desobstruído, mas algo diferente ocorre: a lembrança do corpo morto e despedaçado daquele que fora líder e tornou-se rival, seu pai, interrompe esse avanço. Se primeiro as mãos destrincharam o corpo do pai morto e as bocas incorporaram sua carne, agora uma mão se levanta e da boca sai o 'Não!'. O destino da horda está traçado: isso deve acabar.

O incesto deve ser interdito, não deve haver nenhuma outra exceção em relação a esse interdito; ambos devem ser renunciados, o incesto e o lugar de exceção. Refazemos as questões: vencida a batalha, o que fazer? Renunciar. Quem será o novo líder? Ninguém. O lugar de exceção deve permanecer vazio; entenda-se, vazio pois nenhum dos assassinos deve ocupá-lo, já que esse lugar se prestará, a partir de então, a diversos ocupantes, desde o animal totem até Deus.

Em verdade, o primeiro a ocupar tal lugar foi o próprio Pai, termo que somente ganha sua perspectiva por retroação. O líder assassinado torna-se pai apenas depois de renunciado pelos assassinos o acesso a seu lugar de exceção e à satisfação pulsional que lhe cabia, isto é, a renúncia ao incesto transforma o assassinato do líder/inimigo em um parricídio; é somente enquanto morto que ele se torna pai, e, assim, ainda mais forte do que o fora antes (FREUD, 1913/1974, p.171-2). Temos como aspecto mais essencial na origem do laço social a necessidade de uma renúncia de ordem pulsional, uma renúncia ao gozo, ao menos ao gozo na modalidade plena atribuída ao pai primevo. Outro importante aspecto é que tal inibição ou renúncia somente se sustenta internamente por meio do pai enquanto símbolo, enquanto significante, e não em sua presença real, concreta. O significante que inscreve no psiquismo esse evento primordial, a morte do Pai, tornando possível sua transmissão, é o Nome-do-Pai, o que nos conduz aos traços inerradicáveis que tal evento deixou na civilização (idem, p.184). Assim, fica marcado no psiquismo dos homens que avançar em direção ao gozo pleno, suposto pelos filhos como usufruído pelo pai primevo junto a todas as fêmeas, conduz à morte e ao despedaçamento do corpo, destino do pai primevo. Trata-se de um impossível.

O mito forjado por Freud em *Totem e tabu* não descreve outra coisa senão a necessidade de civilização do gozo para o estabelecimento do laço social. O gozo sexual será possível, mas será limitado (LACAN, 1971-1972/2012, p.44) para se evitar o mesmo destino do pai primevo. Segundo o ensino de Lacan, na psicose,

o Nome-do-Pai, significante que sustenta o interdito à ocupação do lugar do pai primevo, está forcluído (LACAN, 1958/1998, p.582), o que pode acarretar uma tentativa por parte do sujeito de operar segundo o modo de gozo da horda primeva, anterior à incidência significante. Há algo interessante a se destacar: esse gozo, além de somente ser *suposto*, é atribuído às vivências do pai primevo junto a *todas as fêmeas* da horda. *Todas as mulheres* é justamente o índice de uma impossibilidade (LACAN, 1971/2009, p.99). Logo, esse gozo é estruturalmente inacessível a quem quer que seja, é impossível.

Na medida em que a insígnia de morto não se inscreve na psicose, tende a haver uma inflação das demais insígnias, *exceção* e *inimigo*, algo que confere tonalidades caprichosas, invasivas ou persecutórias à sua relação com o Outro, que fica sem barra, pleno de gozo, gerando impasses ao laço social. Ora o Outro se apresenta como um inimigo que o persegue e quer dele gozar, sendo o psicótico vítima de seus abusos, ora o próprio sujeito se julga capaz de ocupar o lugar de exceção em relação à castração, rejeitando-a simbolicamente, como temos nos frequentes relatos de onipotência e de megalomania. Este ponto é importante, pois reforça a ideia de que não se deve entender que o psicótico viva a deslocalização de gozo como algo agradável, como alguém com o privilégio de poder não abrir mão do gozo e dele desfrutar sem maiores problemas.

Freud atribui certa dose de megalomania a todos falantes e não somente ao psicótico: “É justo presumir que a megalomania é essencialmente de natureza infantil e que, à medida que o desenvolvimento progride, ela é *sacrificada às considerações sociais*” (FREUD, 1911/1969, p.88, grifo nosso). Temos nesta citação uma notável síntese da questão central deste artigo: o laço social exige um sacrifício; pulsional, em Freud, de gozo, em Lacan. O laço social se constitui enquanto um tratamento significante de gozo, uma localização do gozo fora do corpo. Tal aparelhamento significante de gozo pressupõe uma capacidade de suportar certa perda de sua plenitude.

A bem da verdade, o termo *laço social* não surge sob a pena de Freud, mas sim o termo *laço emocional*. No entanto, o principal aspecto do laço emocional é sua natureza libidinal, o que nos autoriza uma articulação entre laço emocional e laço social: “[...] a essência de uma formação grupal consiste em *novos tipos de laços libidinais entre os membros do grupo*” (FREUD, 1921/1976, p.130-1, grifo nosso). Assim, a civilização, o laço social, surgiria como uma compensação, uma tentativa de recuperação libidinal, mesmo que esta se revele sempre insatisfatória, marca do mal-estar na civilização, algo que reforça o caráter de mortificação da incidência do significante no sujeito. Por outro lado, o encontro com a linguagem também se refere ao início da vida em civilização, à possibilidade de novas modalizações de gozo. Dessa forma, é importante ressaltar que não se trata somente de perda no laço social, embora esta dimensão seja ineliminável.

Perde-se uma suposta plenitude de gozo, mas se ganha significantes e o acesso a uma modalidade de gozo articulada ao significante.

O caráter libidinal do laço permite pensá-lo a partir da relação do sujeito com a alteridade, na forma de objetos privilegiados, o que se refere intimamente à relação do sujeito com a linguagem, e, conseqüentemente, à questão de sua estrutura psíquica. Uma vez que o Outro preexiste ao sujeito, toda sua existência já se encontra permeada de significantes, em particular aqueles veiculados pelos que se ocupam do *infans*, pessoa próxima, *Nebenmensch*, como Freud denomina em sua descrição da experiência primária de satisfação (FREUD, 1895/1977, p.422). O caráter primário desta experiência ressalta o fato de que as demais experiências estarão fadadas a resultar em satisfações somente parciais, o que reforça o aspecto mítico desta vivência, bem como a inevitável dimensão de perda que se instala a partir desta.

O fato de o *Nebenmensch* reconhecer no choro/grito do bebê o apelo por algum tipo específico de cuidado reflete a dimensão da linguagem que perpassa esta experiência. Concomitantemente ao atendimento das necessidades do bebê há a incidência do significante, isto é, do Outro vêm significantes que permeiam essa experiência e incidem na criança. Como esses significantes podem ser por ela assimilados?

Na Carta 52 (FREUD, 1896/1977) da correspondência com Fliess, Freud já apresenta uma fundamental intuição acerca da constituição do aparato psíquico, a existência de um primeiro nível de inscrição psíquica na forma de traços de percepção, *Wahrnehmungszeichen* (WZ). Este nível seria logicamente anterior à constituição do inconsciente propriamente dito (*Ub*), quando passariam a existir as relações de causalidade entre as representações:

$$\begin{array}{ccccccc} & & \text{I} & & \text{II} & & \text{III} \\ W & \rightarrow & WZ & \rightarrow & Ub & (\text{ics}) & \rightarrow & Vb & (\text{pcs}) & \rightarrow & Bews & (\text{cs}) \end{array}$$

No esquema, percebemos que, daquilo que chega ao psiquismo, haveria uma primeira inscrição ou registro na forma de indicações de percepção (WZ), um *ciframento*. Lacan toma tais traços enquanto significantes (LACAN, 1959-1960/1991, p.84-5), mesmo que ainda não se apresentem em cadeia, algo que somente ocorre no nível seguinte, *Ub*. Trata-se de uma primeira bateria significante.

O momento lógico da primeira apreensão significante é indicativo do encontro com a linguagem, da incidência significante no sujeito. Nesta etapa, o sujeito se diferencia da alteridade, logo, apreende do Outro um primeiro material significante, ao passo que algo escapa à simbolização, restando como inassimilável ao significante, demarcando-se um limite entre simbólico e real. Esse ponto de encontro entre o real e o simbólico, entre *das Ding* e Outro, reconduz-nos à

figura do *Nebenmensch*. Se, por um lado, é a partir de tal figura que os significantes incidem no sujeito, ocupando, assim, o lugar de Outro, por outro lado, algo do próprio complexo da pessoa próxima também escapa à simbolização, *das Ding*: “Desse modo, o complexo do ser humano semelhante se divide em duas partes, das quais uma dá impressão de ser uma estrutura que persiste coerente como uma coisa, enquanto que a outra pode ser compreendida por meio da atividade da memória [...]” (FREUD, 1895/1977, p.438). Ao passo que *das Ding* é assexuada, cabe destacar que aquilo que torna insustentável tratar com indiferença a alteridade, é o fato de esta ser encarnada pelo *Nebenmensch*, ser vivo, falante e sexuado (LACAN, 1968-1969/2008, p.334) que, enquanto Outro, promove a incidência do significante no sujeito. A inevitável relação com o Outro, encarnado na figura do *Nebenmensch*, torna impossível considerar o mundo externo indiferente. *O encontro com a linguagem nunca é indiferente.*

A concepção de um momento lógico pleno de gozo, mítico, em que, supostamente, o sujeito se bastaria a si mesmo, considerando a alteridade como indiferente, momento anterior à perda de *das Ding* e à incidência do significante, remete ao pai primevo e suas vivências, ao funcionamento da horda primeva, anterior à instauração da Lei. O caráter mítico de tal etapa lógica revela um acesso perdido para sempre, impossível, mesmo ao psicótico.

A simbolização primordial fornece ao sujeito material significante, mas implica a perda de algo ligado a *das Ding* na mesma operação: gozo. Este é o momento lógico do golpe da forclusão do significante Nome-do-Pai (LACAN, 1955-1956/1985, p.180), marca distintiva da estrutura psicótica. Assim, desde a incidência significante o Nome-do-Pai já fica fora das possibilidades de simbolização na psicose. A dimensão jurídica do termo escolhido por Lacan para melhor traduzir a *Verwerfung* freudiana retrata seu aspecto irrevogável, a expiração de um prazo. Não sendo incorporado na simbolização primordial, o Nome-do-Pai restará estrangeiro ao psicótico para sempre, o que traz algumas consequências, entre elas, os impasses diante do laço social.

A perda de gozo que se impõe a todo falante é contabilizada a partir de um ciframento significativo do gozo. Logo, o significante se institui enquanto a moeda corrente do inconsciente, sendo o falo sua medida padrão. A forclusão do Nome-do-Pai não acarreta uma ausência absoluta de ciframento de gozo, o que significaria ocupar o lugar de exceção do pai primevo, mas sim na falta de uma cifra fundamental, a cifra fálica produzida a partir da metáfora paterna, medida de valor neurótica que serve de referência compartilhada para a contabilização da perda de gozo. Sem dispor do Nome-do-Pai e da medida fálica, há, na psicose, um comprometimento das possibilidades de localização de gozo, que tende, então, a se apresentar desregulado. O psicótico vivencia, sobretudo, uma desregulação, deslocalização de gozo, e não uma plenitude de gozo. O gozo

desregulado tende a ter um caráter ameaçador ao sujeito, já que sua regulação fornece algum tratamento à pulsão de morte que permeia o gozo.

Até o momento, ficou em primeiro plano certa antinomia entre gozo e laço social, o que merece ser relativizado. Ao passo que, de fato, o gozo pode ser um obstáculo ao laço social, o próprio laço social se revela uma modalização do gozo, um tratamento significativo deste. Assim, a perda de gozo implicada no encontro com a linguagem não representa uma inexistência de gozo a partir de então. O gozo existe, mas, a partir da incidência do significante, ele terá a marca significativa, podendo ser aparelhado pelo significante.

O gozo antinômico ao laço social é aquele ligado a *das Ding* e ao pai primevo, cuja vivência conduziria à morte e ao despedaçamento do corpo. Esse seria um campo central onde reina a dimensão da pulsão de morte (LACAN, 1959-1960/1991, p.260-1). O campo referido à *Coisa* se constitui como algo diante do que devemos nos deter (LACAN, 1969-1970/1992, p.16,43), pois representaria um caminho para a morte. Por outro lado, a íntima relação entre *das Ding* e a pulsão não significa que a *Coisa* seja um objeto capaz de promover satisfação pulsional. A diferença de nível entre *das Ding* e o objeto é importante (LACAN, 1959-1960/1991, p.140), visto que o objeto pulsional por excelência é o objeto *a*, objeto que não equivale à *Coisa*. O objeto *a* surge como efeito da operação de divisão subjetiva, como resto, ao passo que *das Ding* se situa no primeiro nível desta operação, ilustrada no esquema a seguir, no nível do gozo, nível mítico logicamente anterior à mortificação promovida pela incidência significativa (LACAN, 1962-1963/2005, p.178-9, 192):

A	S	Gozo
<i>a</i>	\bar{A}	Angústia
$\$$		Desejo

Ousamos aqui uma articulação entre a superação da horda primeva e o processo de divisão subjetiva a partir da incidência significativa. Atribuímos à horda primeva o nível do gozo, encontrando na figura do pai primevo um paradigma mítico da *exceção* que supostamente vivenciou o gozo pleno, S, além de inimigo que interditou aos filhos o acesso a tal gozo, Outro não barrado, A, gozando caprichosamente dos demais membros da horda. Morto, pranteado, o líder da horda torna-se Pai, simbólico, revelando-se a incidência da barra, da marca significativa na alteridade, \bar{A} . Aos filhos que o reconheceram como Pai e renunciaram ao gozo incestuoso, resta o papel de $\$$, sujeitos marcados pelo significante, divididos. Que papel resta ao objeto *a*? O de testemunha, tanto do

gozo que se perdeu, quanto da incidência significativa que provocou tal perda, uma espécie de garantia lógica do evento fundador do laço social.

O objeto *a* se constitui enquanto aquilo que resta do gozo (idem, p.197-8), o que ressalta a dimensão corporal implicada na incidência significativa. O objeto *a* surge como resto da operação de divisão, uma queda também sentida em nível corporal. Disso decorre o termo *libra de carne* (idem, p.139, 242), inspirado em uma passagem da peça *O mercador de Veneza*, de Shakespeare, em que a carne, uma libra, surge como uma forma de pagamento em um contrato realizado entre personagens. Segundo Lacan, trata-se do preço a ser pago para a entrada no simbólico, havendo uma mortificação da carne para que advenha a vivificação de um corpo. A relação entre objeto *a*, significativo e corpo é bem ilustrada na ideia de órgão *amboceptor*, que não pertence, inteiramente, nem à criança nem à mãe (idem, p.185, 196, 255-7), e que cai a partir da incidência significativa. Enquanto órgão, sua queda tende a ser sentida como uma mutilação, termo que Freud utiliza ao descrever o início da civilização: “Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou” (FREUD, 1930/1974, p.124, grifo nosso). A tarefa de se apropriar de um corpo, de construção do corpo e sua subjetivação a partir de alguma exteriorização de gozo, também toca o tema do laço social, como veremos mais adiante, no caso de Sandro.

Lacan fornece uma interessante ilustração do que resta ao sujeito após a interdição ao gozo pleno, referindo-se a *migalhas do gozo* (LACAN, 1969-1970/1992, p.101), termo interessante por ilustrar uma relação com algo anterior. As migalhas de um pão não constituem um pão menor ou um pedaço de pão, mas restam como testemunhas de que houve pão, e de que este acabou, se perdeu, revelando-se uma relação íntima e de origem entre ambos. A relação entre o pão e a migalha nos remete à relação entre o gozo primordial do campo de *das Ding* e o gozo que se refere ao objeto *a* e ao laço social. Aos filhos que assassinaram o pai primevo e renunciaram ao gozo que eles supunham permear suas vivências junto a todas as fêmeas, restam as migalhas de gozo com as quais se pode construir laço social.

Temos no objeto *a* uma testemunha da incidência do significativo. Testemunha no sentido de surgir devido a isso, de trazer em si as marcas de tal evento, não no sentido de poder falar a respeito. Do crime primordial fundador do laço social, o objeto *a* se apresenta como testemunha que não pode falar, mas que possui as marcas significantes e de gozo desse evento. Uma testemunha muda, mas que possibilita a fala, mantendo-se sempre certa distância em relação ao gozo que motivou esse assassinato, tendo o sujeito com ele uma *relação indizível*

(LACAN, 1968-1969/2008, p.317); a partir de então, fala-se de tudo para não se falar disso, do impossível. Como pensar o laço social quando não há crime e, conseqüentemente, não há testemunha? Como pensar o laço social sem a extração do objeto *a*, situação presente na psicose?

A partir da forclusão do evento fundador do laço social, logo, do significante que o marca no psiquismo, o Nome-do-Pai, a operação de divisão subjetiva não se completa na psicose, não se produzindo o resto, objeto *a*, objeto condensador de gozo que favorece a localização do gozo fora do corpo. O sujeito não se divide, não fica barrado, tampouco a alteridade se esvazia de gozo, o que gera impasses ao laço social. A alteridade, assim, tende a permanecer uma “[...] iminência intolerável do gozo. O Outro é apenas sua terraplenagem higienizada [...] O Outro é justamente isso, é um terreno do qual se limpou o gozo.” (idem, p.219-20). Sem o Nome-do-Pai, o psicótico permanece acossado por um gozo que resta desarrimado, deslocalizado, cabendo a ele a tentativa de promover algum tratamento ao gozo, alguma modalização que conceba ao sujeito uma posição diante do Outro em que este não permaneça absolutamente pleno de gozo. Logo, o sujeito psicótico se encontra diante da árdua tarefa de tentar esvaziar o Outro de gozo em alguma medida, o que poderia lhe permitir certa abertura ao laço social.

A bem da verdade, a tarefa de tratar o gozo se impõe a todo sujeito falante, não somente ao psicótico. Quando nos referimos a diferentes modalizações de gozo estamos ressaltando o fato de o gozo exigir algum tratamento por parte do psiquismo, tratamento que pode ser dado pelo princípio do prazer, pelo princípio de realidade, pelos destinos pulsionais como a sublimação e o recalque, sobretudo pela localização do gozo em significantes, fora do corpo. São passos éticos do sujeito em relação ao real, referindo-se a ética ao tratamento que o sujeito promove na assunção do real (LACAN, 1959-1960/1991, p.21,31,49). As modalizações de gozo referem-se a esses diferentes recursos que visam tratar o real do gozo, recursos que se encontram reduzidos na psicose.

A não extração do objeto *a* traz dificuldades, posto que este objeto tem a função privilegiada de condensar gozo fora do corpo. Lacan escreve acerca das formas do objeto *a*, “[...] que vão do seio à evacuação e da voz ao olhar. Essas são outras tantas *fabricações* do discurso da *renúncia ao gozo*.” (LACAN, 1968-1969/2008, p.22; grifos nossos). A concepção do objeto *a* enquanto uma *fabricação* ligada ao discurso e à perda de gozo é muito valiosa, pois reforça a ideia de criação, invenção de algum recurso para sustentar a perda de gozo. Embora o psicótico não proceda à extração do objeto *a*, isso não significa, necessariamente, que ele não seja capaz de produzir alguma *fabricação própria* para aparelhar o gozo em dada medida. Essa é a aposta da psicanálise a partir de Lacan, não tomando como impossível o estabelecimento de laço social na psicose.

A questão é que tal fabricação deve estar articulada ao significante para ter alguma eficácia, para que seja possível ao sujeito sustentar o sacrifício de gozo necessário ao laço social. Certamente que não se trata de significantes quaisquer. Os significantes que podem de alguma forma fixar gozo, operar no sentido de favorecer a exteriorização de gozo, devem ter alguma relevância própria ao sujeito, ou seja, trata-se de algo muito singular. É preciso algo da ordem de uma invenção, de uma bricolagem muito pessoal e própria por parte do sujeito, como vem fazendo em análise o jovem Sandro¹, de 17 anos.

Nos encontros com o analista, sua mãe relata que, por vezes, ele senta ao seu colo e pergunta “sou seu neném?”, e logo em seguida “você me ama?”. A posição de “neném”, “bebê”, parece lhe fornecer um lugar mais estável no campo do Outro. Ela, contudo, diz não gostar quando ele brinca com bonecos, pois considera “coisa de criança”. Uma fala muito recorrente entre aqueles que se ocupam dele em casa é a de que “você não é mais criança”, o que parece ser muito demandante para ele.

O analista, por outro lado, vê nesse ‘brincar’ um recurso de mediação com o Outro, capaz de protegê-lo e de promover certa localização de gozo. Nas encenações lúdicas com bonecos durante as sessões, os personagens dividem-se claramente entre crianças e adultos, com funções bem definidas, sendo a escola um cenário privilegiado, recorrente. As crianças sempre burlam as regras e convenções sociais, em posição de rompimento com o laço social; aos adultos cabe punir tais atos, bem como fornecer os cuidados, como mamadeira, fralda, banho, momentos em que o corpo dos bonecos fica em evidência. A encenação com o uso de bonecos parece funcionar para Sandro como um recurso capaz de mediar sua relação com o Outro, protegendo-o em certa medida, e possibilitando alguma localização de gozo, alguma abertura ao laço social. Mesmo sem uma definição diagnóstica pelo autismo, tal invenção parece operar enquanto um duplo, um objeto autístico complexo capaz de localizar o gozo em uma borda, deslocando o lugar da emissão da enunciação, mediando a troca com o Outro, sendo o suporte de uma enunciação artificial (MALEVAL, 2012).

Embora a posição de enunciação seja difícil para Sandro, não há uma recusa radical típica do autismo, falando por diversas vezes em primeira pessoa, respondendo algumas perguntas diretas, pedindo algo que queira; de qualquer forma, durante as encenações sua fala fica visivelmente mais fluente, havendo maior cessão de gozo vocal em tais momentos. Sobretudo, esse recurso cumpre

¹ Participante do projeto de pesquisa “Circulando e traçando laços e parcerias: atendimento para jovens autistas e psicóticos — do circuito pulsional ao laço social”, na UFRJ, financiado pela Faperj e CNPq, em convênio com o Serviço Infante-Juvenil do Instituto Municipal Philippe Pinel, coordenado por Ana Beatriz Freire e com supervisão de Ana Beatriz Freire, Kátia Alvares e Doris R. Diogo.

a função de aparelhar um excesso pulsional, localizando o gozo nas falas e nos atos dos bonecos.

Por outro lado, um excesso de gozo também surge em alguns momentos das próprias encenações, na forma de movimentos exagerados, descontrolados, com riso muito intenso, em especial quando alguma criança faz algo errado, bem como quando o adulto aplica um limite ou punição, algo que nunca deixa de acontecer, sempre surgindo essa figura que representa alguma lei. Chama a atenção como ambos os casos são igualmente deleitosos para Sandro, revelando-se certa indiferenciação entre os registros do gozo e da lei. Houve momentos em que Sandro chegou a machucar a si mesmo e ao analista com movimentos exagerados com os bonecos, momentos em que o analista se recusou a prosseguir a encenação, demarcando um limite.

Tal relação do sujeito com a dimensão da lei revela que, embora a forclusão do significante Nome-do-Pai não tenha possibilitado a Sandro a introjeção da Lei, essa questão o ocupa bastante, sendo grande parte de seu trabalho justamente em torno desse ponto, em um esforço repetitivo na tentativa de circunscrever alguma borda em torno desse furo. Logo, mesmo com sua dificuldade estrutural, Sandro enfrenta, ao seu modo singular, a questão da lei.

Ao longo das encenações com os bonecos, a professora ajuda os alunos em seus cuidados pessoais, dando banho, trocando fralda, momentos em que outros alunos tentam espiar os corpos nus e Sandro, entre risos, aponta e nomeia partes do corpo, como “peito”, “mamilo”, “bumbum”. Aos genitais, ele se refere como “isso” ou “aqui”. Esse mapeamento erógeno nos bonecos parece fazer parte de um esforço de Sandro na construção de um corpo, podendo ter a fralda certa função de véu com relação à diferença sexual, havendo um constante trabalho em torno desse velamento e desvelamento nas encenações.

Com o tempo, Sandro indica a diferença entre os genitais dos meninos e das meninas. Ele pega um boneco que possui um pequeno barbante no lugar do genital e diz “é de menino”, pegando em seguida o boneco do pai, que tem a área genital lisa, dizendo “ele também tem”. Quando pergunto sobre a boneca, ele diz “ela não tem”. Ao enfrentar a questão da diferença entre os sexos, Sandro parte da *pequena diferença* (LACAN, 1971-1972/2012), anatômica, não chegando à diferença lógica, sustentada na ordem fálica. Embora não tenha condição estrutural para chegar à diferença lógica, que dependeria do preço da castração, da renúncia ao gozo do órgão, do pênis, para ficar com o gozo do significante, ordenado pelo falo, sua fala de que o boneco liso “também tem” revela certo recurso simbólico para lidar com a questão da diferença entre os sexos, promovendo algum aparelhamento de gozo.

A tentativa de construir um corpo próprio, que não seja de um “bebê”, se dá concomitantemente à possibilidade de extrair de sua *alíngua* (LACAN, 1972-

1973/1985) algum S_1 capaz de se articular a uma condição diferente de “bebê”, um significante que possa aparelhar o gozo de maneira a fornecer ao sujeito um novo lugar diante no Outro. Em suma, Sandro trabalha em análise em uma tentativa de corporificar a linguagem, construindo um corpo a partir de certa exteriorização de gozo. Esse importante trabalho se dá no ângulo aberto entre o “bebê”, significante privilegiado ao sujeito, mas que não aponta para o laço social, e o “você não é mais criança”, significante que vem do Outro, mas que parece ser imperativo, avassalador para ele.

As infrações por parte dos adultos passam a surgir também em outras ocasiões, embora com frequência muito menor às das crianças. Conforme avança no trabalho de deslocar-se do lugar de “bebê”, seria importante para Sandro garantir algum gozo ao lugar de adulto? Seria essa uma forma de tornar esse lugar menos ameaçador em relação à perda de gozo? Não podemos afirmar isso, mas temos indicações da dificuldade de tal lugar para Sandro. A mãe relata que ele questiona e reclama muito do fato de ela trabalhar, e quando ela diz que é preciso e que um dia ele também trabalhará, ele responde que não quer, pois “trabalho dói”. Apesar disso, Sandro vem trabalhando intensamente em análise.

A forclusão do Nome-do-Pai reduz significativamente os recursos simbólicos para o tratamento do gozo, o que torna o trabalho pela via do objeto uma interessante possibilidade na psicose. Segundo Faleiro: “Operar clinicamente com o objeto a permite construir um laço social a partir do gozo e não do Outro, a partir de *alíngua* e não da linguagem, com a finalidade de viabilizar a constituição de um corpo” (FALEIRO, 2012, p.107). Sabemos que o psicótico não tem o objeto a à sua disposição para o tratamento do gozo, mas extraímos dessa passagem o valor da dimensão do objeto enquanto importante recurso na exteriorização de gozo. Mesmo sem dispor do Nome-do-Pai e do objeto a , o sujeito psicótico pode recorrer a outros significantes e objetos no tratamento de gozo. O recurso de Sandro a um duplo para mediar sua relação com um Outro não barrado, localizando gozo fora do corpo, pode ser entendido enquanto uma modalidade de extração, mesmo que não seja do objeto a . Justamente por não poder contar com o objeto a , o sujeito tem de lançar mão de alguma modalidade inédita de extração, o que Sandro faz com as encenações lúdicas com os bonecos em análise. Sandro recorre ao duplo enquanto um órgão suplementar de localização de gozo, criando um modo não falicizado, como seus impasses diante da diferença sexual revelam, de tratar o gozo.

A invenção de Sandro cumpre a missão de alojar a pulsão de morte fora de si mesmo, permitindo-lhe fazer de um corpo acossado por um gozo desarrimado um corpo próprio. Todavia, tal trabalho não se sustenta sem o recurso ao significante, sendo uma das funções do duplo a articulação entre corpo e significante, gerando uma nova forma de lidar com o gozo. Dos significantes à sua volta,

trata-se de arrancar, extrair do Outro algum significante singular e se apropriar dele de alguma forma, mesmo que não seja pela via de se fazer representar por ele junto a outro significante, mas que seja possível, ao menos, articular gozo e significante, procedendo a certo tratamento do Outro, que fica, assim, senão barrado, menos pleno.

De qualquer forma, há muito trabalho pela frente, e Sandro tem mostrado disposição para tal. Mesmo que as soluções na psicose se revelem mais instáveis, menos duradouras, ainda assim, são soluções. No tocante ao laço social na psicose, trata-se de impasses e não de impossibilidade. Essa é a aposta do analista, que seguirá eticamente com seu desejo.

Recebido em 15/2/2013. Aprovado em 23/4/2013.

REFERÊNCIAS

- FALEIRO, S. (2012) “As psicoses na clínica com crianças: o corpo sem a ajuda de um discurso estabelecido”. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FREUD, S. (1977) *ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1895) “Projeto para uma psicologia científica”, v.I, p.379-517.
- (1896) “Carta 52”, v.I, 317-324.
- . (1976) *ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1907) “Atos obsessivos e práticas religiosas”, v.IX, p.117-131.
- (1921) “Psicologia de grupo e a análise do ego”, v.XVIII, p.87-179.
- . (1969) *ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)”, v.XII, p.13-108.
- . (1974) *ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- (1913 [1912-13]) “Totem e tabu”, v.XIII, p.13-194.
- (1930 [1929]) “O mal-estar na civilização”, v.XXI, p.73-171.
- LACAN, J. (1955-1956/1988) *O Seminário, Livro 3, As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1958/1998) “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1959-1960/1991) *O Seminário, Livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- LACAN, J. (1962-1963/2005) *O Seminário, Livro 10, A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1968-1969/2008) *O Seminário, Livro 16, De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1969-1970/1992) *O Seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1971/2009) *O Seminário, Livro 18, De um discurso que não fosse do semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1971-1972/2012) *O Seminário, livro 19, ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- . (1972-3/1985) *O Seminário, livro 20, mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- MALEVAL, J.C. (2012) “Língua verbosa, língua factual e frases espontâneas nos autistas”, in MURTA, A. & CALMON, A. & ROSA, M. (Orgs.). *Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana*. Belo Horizonte: Scriptum.

Fabio Malcher
fabiomalcher.rj@gmail.com

Ana Beatriz Freire
freireanab@hotmail.com